

Em julho, a renúncia ao PDS. E tudo começou a mudar para este dissidente.

Haverá a Nova República com Sarney? Essa indagação de muitos políticos, era feita há dias, desde que as notícias do Instituto do Coração mostravam o agravamento do estado de saúde de Tancredo. Poucos parlamentares, mas muito poucos, acreditaram na declaração do médico Henrique Pinotti, de que havia "perspectiva de cura". Por isso, deputados e senadores preocupavam-se com o destino da Aliança Democrática e do País, sem Tancredo e com Sarney.

O ex-deputado, ex-governador (direto) e ex-senador (direto) pelo Maranhão não poderia imaginar que, numa manhã tumultuada de julho de 1984, na sede do PDS, ao renunciar à presidência do então partido situacionista, estava preparando o caminho para, pouco tempo depois, assumir a chefia da Nação.

Na campanha eleitoral, muitos diziam, pelos corredores do Congresso, que se Sarney estava tornando "difícil", pela sua ambição de figurar como candidato a vice-presidente na chapa de Paulo Maluf. Até então, o favorito a vice era Flávio Marcílio, presidente da Câmara. Experiente, Marcílio não passou re-cibo: "Se Sarney quiser ser o companheiro de chapa de Maluf, terá todo o meu apoio".

O senhor Sarney, antes de ser dissidente, negava tal pretensão. Certa vez, conversando com o jornalista, ele comentou: "Você acredita nessa versão de que pedi para ser o vice do Maluf? Não tem fundamento. Se tivesse sido candidato a vice-presidente pelo PDS, não teria havido a crise no PDS, não surgiria a dissidência, não se formaria a Frente Liberal do PDS e não se organizaria o Partido da Frente Liberal. Em suma: se Sarney tivesse sido candidato a vice, o presidente seria Maluf e não Tancredo. O PDS teria garantida sua maioria no Colégio Eleitoral. Corremos riscos, todos nós, dissidentes do PDS, a começar por Aureliano Chaves, Marco Maciel, Jorge Bornhausen, Guilherme Palmeira, os deputados, os governadores, nossos delegados nas Assembleias".

O raciocínio de Sarney tinha lógica. Mas ele sabia que seu nome não figurou em primeiro lugar, quando os dissidentes da Frente Liberal foram convocados pelo PMDB de Tancredo e de Ulysses para indicar o candidato à vice-presidente. Se tivesse prevalecido o lado afetivo, Aureliano Chaves teria feito candidato a vice de Tancredo o respeitado senador Luiz Cavalcanti, o "major Luiz" das Alagoas.

Muitos dissidentes ponderaram que, embora homem sério, probo e austero na sua vida pública, Luiz Cavalcanti era um político de muito boa fé, ingênuo até, para enfrentar as durezas do poder.

Cogitou-se, em seguida, do senador pernambucano Marco Maciel, que havia sido "presidenciável" do PDS e um dos líderes da Frente Liberal. Marco Maciel, porém, não achou conveniente correr o risco de perder seu mandato, pois tinha sido eleito em 1982 pelo PDS.

Ficou então Sarney sob exame. Eleito em 1978 pela Arena, partido extinto, seria mais difícil a Justiça Eleitoral aceitar uma eventual impugnação de seu registro como candidato a vice-presidente por outro partido — o PMDB. Aureliano, Marco Maciel, Jorge Bornhausen, Guilherme Palmeira e os outros líderes dissidentes resolveram "fechar" com José Sarney.

Os malufistas se inquietaram e se revoltaram. Na então oposição — PMDB, PT e PDT — o inconformismo não foi menor. As facções esquerdistas ameaçaram criar uma crise. "Todos, menos Sarney" — diziam eles. A Frente Liberal não recuou um milímetro. Tancredo e Ulysses entraram em cena. Se o acordo previa a indicação do candidato a vice-presidente pela Frente Liberal, o indicado seria bem recebido. Tancredo e Ulysses costuraram o apoio ao senador maranhense. A Frente repeliu quaisquer restrições e o seu principal líder, Aureliano Chaves, chegou a dizer: "Se nós não vetamos o Tancredo, o PMDB não pode vetar o Sarney".

O acordo foi feito, mas ficaram feridas. Na convenção nacional do PMDB que homologou a chapa Tancredo-Sarney, muitos convencionais manifestaram restrições ao companheiro de chapa de Tancredo. Há quem diga que a mesa apuradora fez vista grossa às manifestações de desagrado. Sentindo o clima na hora festiva dos resultados, em julho de 1984, Ulysses levantou o braço de Sarney, no gesto coletivo de mãos dadas e braços erguidos. Os aplausos para Tancredo e Ulysses foram, também, para Sarney — então recentemente filiado ao PMDB.

Hoje o quadro mudou. O PMDB absolveu e absorveu o ex-presidente da Arena e do PDS. Sarney pertence ao PMDB e não pretende filiar-se ao Partido da Frente Liberal — como estava previsto, logo após a posse. "Presidente da República não muda de partido" — disse ele, há dias.

Indicado pela Frente Liberal e eleito pelo PMDB, José Sarney é o presidente pela Aliança Democrática: "Quis que assim fosse a vontade de Deus. E assim a cumprirei, com Sua ajuda e Sua proteção" — declarou José Sarney na sua fala presidencial de domingo à noite, comunicando à Nação o falecimento de Tancredo Neves.